

Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: ANNABLUME, 2004.

Antonio Carlos Pinheiro

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Hoje, o tempo e o espaço fluem velozmente numa situação sem precedentes na história da humanidade. É a característica do período atual, articulação de ciência-técnica e informação instrumentalizada. O presente, enquanto entroncamento do passado e do futuro, momento "*do realizar-se e do estar realizando*" (p. 29), é destaque no livro. Nesse contexto, está a re-significação da Educação, sobretudo a Educação Geográfica, que "*para ter sentido à sociedade, necessariamente, deve possibilitar o entendimento do presente*" (p. 29).

O presente, marcado pela globalização, enquanto extensão e ampliação do capitalismo é concebido como um todo sistêmico, desigual e combinado, suas características articuladas representam uma totalidade. Milton Santos, refere-se à totalidade como o "*conjunto de todas as coisas e de todos os homens em sua realidade, isto é, em suas relações e em seu movimento*" (p. 30). A globalização une a técnica e a política e seu uso é desigual e combinado pela sociedade, sendo as ações intermediadas por dimensões diferentes conforme cada período histórico.

No âmbito da política e da economia, o neoliberalismo apresenta-se como discurso único, decreta o fim do Estado, da História, da Geografia. Centra nos mercados financeiros e nas bolsas de valores o *vir-a-ser* do poder decisório das políticas sócio-espaciais (p. 38). No período atual, o Estado equivale a livre mercado, o individualismo é o modelo de inserção do humano na sociedade e o consumismo e a competição, sua realização. Entretanto, como demonstra claramente Straforini, este discurso é um equívoco na medida em que, atualmente, as empresas têm buscado no Estado a ampliação de seu capital. O neoliberalismo apregoa uma "*nova ordem*" (p. 39), que visa convencer a sociedade de que esse modelo é a única possibilidade de realização social. É o capitalismo atingindo seu ápice na *escala da evolução*¹, propondo a submissão de todos a sua lógica.

A análise de Straforini destaca outras possibilidades de realização da globalização, rompendo com o discurso neoliberal, que se apresenta como único, afirmando que "*técnica e desigualdade não fazem parte, necessariamente, da*

¹ Grifo nosso.

mesma face da moeda" (p. 43), podendo ser disseminado com mais eqüidade a serviço da sociedade. O entendimento e o conseqüente rompimento com o sistema presente, o qual se pretende hegemônico, é o desafio do ensino de Geografia apresentado no livro.

Para tratar dos dilemas do ensino de Geografia, o autor reafirma o que vários críticos têm anunciado sobre a crise da Geografia Escolar como um produto da crise da própria educação em geral. Nas últimas décadas do século XX, diversas reformas nas políticas educacionais têm sido editadas pelo Estado para responder às demandas do período atual. Entretanto essas políticas, se apresentam para a maioria da população de forma perversa, na medida em que valorizam a competitividade e o meritismo individual em detrimento de um conhecimento crítico da realidade atual.

Por outro lado, nas últimas décadas do século XX, também emerge o movimento de renovação da Geografia, tendo como tendência representativa a Geografia Crítica. Esta tendência teve significativa repercussão no ensino de Geografia, influenciando várias Propostas Curriculares pelo país. Baseada no materialismo histórico, estas propostas destacaram as relações de trabalho e o modo de produção capitalista como categorias básicas para o ensino de Geografia. Além disso, a realidade dos alunos passou a ser valorizada como ponto de partida e de chegada para o entendimento do espaço geográfico, devendo o ensino de Geografia *"proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo do presente"* (p. 51).

Apesar de o apelo da Geografia Crítica ter sensibilizado a Geografia Escolar, notou-se um descompasso entre a Geografia e a Educação. Historicamente, as políticas educacionais são verticalizadas, seus propósitos engendrados de cima para baixo sem a participação política da sociedade. Neste contexto, Straforini afirma que a Educação Tradicional e a Geografia Tradicional realizaram um *"casamento teórico-metodológico"* (p.56). Ambas caracterizam-se pela transmissão de conhecimentos, supervalorização dos conteúdos e incorporação do positivismo como princípio fundador, reduzindo, desta forma, a realidade ao mundo dos sentidos, aos aspectos visíveis, palpáveis e mensuráveis. E mais, nesta perspectiva, o mundo é uma externalidade e o conhecimento é um dado pronto e acabado, apreendido pela memorização, de forma estática e fragmentada.

A fragmentação da escola reflete a organização das disciplinas, cujo comportamento ocorre sem relação umas com as outras. A escola tradicional *"possibilita apenas a resolução burocrática de problemas elaborados por seus superiores, uma vez que tais resultados devem ser iguais para diferentes realidades"* (p. 57). A Geografia Tradicional atendeu ao ideário de expansão e fortalecimento do capitalismo. No plano educativo, assim como no acadêmico, trabalham com a dicotomia não concebendo o mundo *"na sua forma múltipla, complexa, contraditória e em movimento"* (p. 63).

Neste contexto, os descontentamentos de vários professores com a compreensão da realidade os têm levado para a busca de outra possibilidade de tratamento metodológico, o construtivismo. Nessa perspectiva, a construção de conhecimentos se faz de acordo com a socialização pela qual os indivíduos passam num determinado momento histórico, cujo pressuposto é o entendimento da realidade vivida pelos educandos envolvidos no processo. No construtivismo, o aluno exerce ação ativa na aprendizagem. Todavia, Straforini salienta que o *"casamento do Construtivismo e da Geografia Crítica foi uma união sem festa"* (p. 64). Consideramos ímpares as questões sobre as relações entre a Geografia e a Educação no livro, pois demonstram ser imprescindível que a reflexão deve aproximar a dimensão pedagógica da ciência geográfica.

Trabalhar com a realidade do aluno requer considerar as suas múltiplas relações, uma realidade em processo e em constante movimento. O aluno deve ser inserido dentro daquilo que se está estudando, de modo que se compreenda como um participante ativo na produção do espaço geográfico. O autor salienta que se faz necessário, acima de tudo, formar um cidadão *"através de um posicionamento crítico em relação às desigualdades sociais identificadas na realidade concreta das crianças"* (p. 79).

Tradicionalmente, o ensino caminha da realidade à totalidade, estudando as partes em círculos concêntricos. A localidade tem sido o ponto de partida para os estudos geográficos nas séries iniciais, passando gradativamente para outras escalas explicativas, conforme as crianças vão avançando para as séries subseqüentes. Nesse sentido, o espaço geográfico é hierarquizado e cada dimensão espacial é ensinada de forma fragmentada e independente. Não há como conceber o mundo linearmente, estudando as partes (casa, rua, bairro...) formando assim um todo.

No período atual, os espaços são fragmentados, hegemônicos e hegemonzados, porém, globalizados. O mundo não é uma somatória desses espaços tomados separadamente, os quais só fazem sentido no conjunto da totalidade. A totalidade está sempre se refazendo, está sempre em movimento. O espaço geográfico como totalidade *"não é um reflexo ou resultado de causalidade, mas sim, e cada vez mais, uma condição intencionalizada para o que está por vir"* (p. 85). Para o autor o conceito de totalidade-mundo é muito abstrato, logo, precisa ser materializado dadas as especificidades do ensino de geografia nas séries iniciais. Nesse sentido, faz-se necessário encontrar conceitos e categorias geográficas de natureza operativa capazes de tornar a totalidade-mundo um conceito concreto, vivido e experienciado pelas crianças, pois o papel do professor é auxiliar na construção desse todo articulado. Segundo Straforini, nas séries iniciais o conceito/categoria lugar pode contribuir em muito nessa tarefa, uma vez que permite a empiricização do mundo. O espaço global não está no mundo, mas no lugar, assim estabelecer relações do próximo com o longínquo pode levar a criança a desvendar ou elaborar novas indagações sobre sua realidade próxima e sobre o mundo.

Utilizando-se a pesquisa-ação com envolvimento do pesquisador e professores das escolas investigadas, tomou-se a sala de aula como lugar central para o estudo da totalidade-mundo. O tema gerador foi a História de Sorocaba-SP, tendo como recorte o conceito de "situação geográfica" de Maria Laura da Silveira, que a reconstrói a partir da noção de evento geográfico elaborada por Milton Santos. A situação geográfica considera que as ações que ocorrem no espaço geográfico transformam a realidade introduzindo constantemente novas características. Para Straforini, a situação geográfica "permite fazer o recorte da totalidade-mundo, porque pode ser entendida como um recorte da história do presente" (p. 103).

Para orientar as atividades pedagógicas de ensino-aprendizagem, a teoria de Vigotski é utilizada em contraponto à de Piaget por se considerá-la mais apropriada para trabalhar a totalidade-mundo com as crianças. As propostas apresentadas por Vigotski valorizam as relações concretas e factuais e não as relações abstratas e lógicas da teoria de Piaget. Concretamente, os processos psicológicos superiores se originam na vida social, na participação do sujeito em atividades compartilhadas com os outros; desse modo, os conceitos são construções culturais internalizadas pelos indivíduos ao longo do seu processo de desenvolvimento. A construção de conceitos se faz no confronto entre a espontaneidade e a cientificidade como afirma Straforini "os conceitos espontâneos tem origem no confronto com uma situação concreta, os científicos envolvem uma situação mediada pelo ensino em relação ao seu objeto" (p. 109).

A realização da pesquisa se dá por meio de diversas formas: desenhos, atividades orais, debates, entre outras, para analisar as representações expressas pelas crianças sobre o lugar, no caso, a cidade de Sorocaba-SP com destaque para os movimentos migratórios. Nas análises, constatou-se que o conceito cotidiano de lugar é, inicialmente, fortemente marcado pelo egocentrismo significativo nas crianças das primeiras séries do ensino fundamental, porém, com a introdução do conceito científico, vai se interiorizando o conhecimento na direção de sua sistematização.

O livro de Straforini traz uma contribuição expressiva para o ensino de Geografia, pois apresenta outra forma de trabalhar com os conceitos geográficos, rompendo com os círculos concêntricos, tão arraigados nos programas das primeiras séries do ensino fundamental. Suas indagações sobre a necessidade de articular o local e o global representam um avanço, sobretudo no período atual marcado pela globalização dos lugares. O conceito de totalidade-mundo, segundo Straforini, por mais complexo e abstrato que possa parecer, encontra sua base material e concreta realizada no lugar.

Seu livro faz, também, uma releitura da Geografia Crítica, um tanto esquecida pelos geógrafos, demonstrando suas possibilidades no ensino para a tomada de consciência do espaço geográfico na sua plenitude e afirmação da cidadania. Retoma a preocupação com a realidade em uma nova perspectiva de abordagem.

Para recomendar essa leitura tão instigante, fazemos uso das considerações finais do livro sobre o tratamento da realidade no ensino de Geografia que diz: "*o problema não está em ensinar a Geografia a partir da realidade, mas o sentido que se dá a essa realidade. Quando assumimos que o mundo está globalizado, e que esse é entendido como um todo sistêmico, desigual e combinado, a realidade não pode ser entendida como fragmento desconectado e congelado da realidade, mas sim como o ponto de encontro de lógicas locais e globais, próximas e longínquas*" (p. 173).

O livro de Straforini é uma leitura necessária para professores, pesquisadores e estudantes de Geografia, de Pedagogia e de outras áreas. Hoje, a área de ensino de Geografia é ávida de novos estudos, propostas e reflexões. Esse livro problematiza com propriedade o período atual, apontando outras propostas de tratamento que revitalizam os ideais revolucionários do ensino de Geografia e da Educação, permitindo um ensino aliado à compreensão do mundo em que se vive e à construção da cidadania.